

# Filme Ori premiado na África

FOTO ANGRA

Representante brasileiro no Fespaco — Festival Pan-Africano de Cinema de Ouagadougou —, o filme brasileiro *Ori*, de Raquel Gerber, ganhou o prêmio Paul Robeson, primeiro lugar para filmes produzidos fora da África, por unanimidade do júri internacional.

Filmado no Brasil (São Paulo, Minas Gerais e Alagoas) e África Ocidental (Senegal, Mali e Costa do Marfim), *Ori* é um filme-documentário de 1h56m. Desde 1977, *Ori* vem acompanhando o processo dos movimentos negros no Brasil e na América, através de suas lideranças, pensamentos e ideologia.

*Ori* documenta a existência das culturas negras transmigradas da África para o continente americano, na busca dos nexos históricos fundamentais de comunidades negras do sul do Brasil. *Ori* significa "cabeça" — consciência negra na sua relação com o tempo, a história e a memória — um termo de origem yorubá, povo da África Ocidental.

**BEATRIZ NASCIMENTO** — O filme conta a história de uma mulher, Beatriz Nascimento, historiadora e militante, que busca sua identidade através da pesquisa da história dos Quilombos como estabelecimentos guerreiros e de resistência cultural, da África do século XV e do Brasil do século XX. Esta pesquisa revela a história dos povos Bantus na América e seu herói civilizado, Zumbi dos Palmares.

O Fespaco, realizado em Ouagadougou desde 1969, é o festival mais importante de toda a África. O festival deste ano homenageou o cinema latino americano, relacionando os mesmos problemas de mercado (dominação dos monopólios, dificuldades financeiras, censura, etc.) vividos pelo cinema africano.

Os filmes em competição concorrem a dois grandes prêmios: *Etalom de Yennenga* para filmes produzidos na África (concoreram 79 filmes) e Paul Robeson para filmes produzidos no resto do mundo. O filme *Ori* concorreu com 25 representantes de: EUA, Inglaterra, França, Argentina, URSS, Cuba, Índia, etc. Paralelamente houve ainda uma mostra de mercado, onde participaram aproximada-



*Cena de Ori, tomada na Costa do Marfim*

mente 160 nomes de todo mundo.

**IMPORTÂNCIA** — O número elevado de filmes participantes revela a importância que é dada ao cinema, não só pelo público, como também pelo governo. Não só em Burkina Faso como nos países vizinhos, existe uma grande consciência da importância cultural e política do cinema que serve como instrumento na difusão das idéias, costumes e lutas dos povos.

A abertura do festival ocorreu num estádio com a presença de 45 mil pessoas (mais ou menos cinco mil convidados estrangeiros). As projeções, em 14 cinemas diferentes com três sessões diárias estavam sempre lotadas, com um público total estimado em 800 mil pessoas.

Estavam presentes representantes da imprensa de todo mundo, com abertura completa de TVs como: RAI (Itália), Antenne 2 (França), Channel 4

(Inglaterra) etc. Presentes também diretores de festivais internacionais: Cannes, Belim, Leipzig, Manheim, Figueira da Foz, etc.

*Ori* foi convidado para seleção de vários festivais: Leipzig (Alemanha), Semana Crítica (Cannes), Forum (Berlim), Tróia e Figueira da Foz (Portugal). (Já confirmado). Houve também interesse para distribuição nos EUA e vendas para Channel 4 (Inglaterra) e outras televisões européias.

A "Garota do Tambor"  
no Cinema em Casa

PÁG. 8

TRIBUNA DA BAHIA

A arte outside  
de Bel Borba

PÁG. 3

# Cultura

Quinta-Feira, 14 de Setembro de 1989

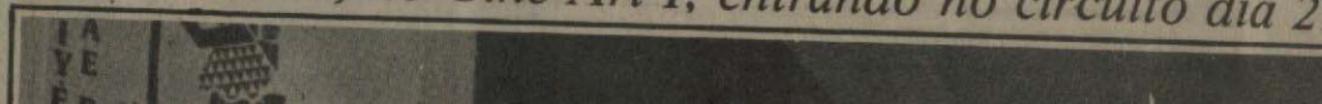
## A história bantu resgatada

O filme, de Raquel Gerber, terá pré-estréia em Salvador no próximo dia 18, no Cine Art I, entrando no circuito dia 2

GLAUBER E PALMARES

IZA CALBO

Orí só foi possível a partir do encontro com as  
pesquisas de história



entrando no circuito dia 21.



a diretora/produtora do documentário, "Ori"

da cesso Político e Cultural") e realizou o média-  
metragem "Ylê Xoroquê", traz uma série de nomes  
famosos para a ficha técnica do seu filme.

Entre eles destacam-se o de Naná Vasconcelos  
(música original) e Hermanno Penna (direção de fo-  
tografia). Raquel já trabalhou ao lado de Emílio  
Salles Gomes na Cinemateca Brasileira e co-  
produziu os longas-metragens "O Rei da Noite" e  
"Lúcio Flávio Passageiro da Agonia" com Hector  
Babenco, "Diamante bruto" de Orlando Senna e  
"Os Muckerers" de Jorge Bodanski.

Mas os que forem assistir **Ori**, fica o (lembrete da  
diretora): "Ori passa a refletir além do anseio ro-  
mântico, mas também passa pelo inconsciente — o  
transe e a memória e conta a história de uma mu-  
lher, Beatriz Nascimento" e da própria Beatriz:  
"Ori é sempre uma coisa de transmigração. É um ir  
e vir. Não é o todo, como o movimento das ondas.  
Tenta mostrar respostas novas e uma continuidade.  
A busca do herói. A busca da individualidade. É  
sempre o homem que se renova. O poder são as cir-  
cunstâncias das relações".

GLAUBER E PALMARES

IZA CALBO

Como os capoeiristas antes de entrar na roda, a cineasta e socióloga paulista Raquel Gerber não tem pressa. Prova disso é o seu primeiro longa-metragem e série documentário **Orí**, fruto de 11 anos de pesquisas. O filme terá pré-estréia em Salvador no próximo dia 20, às 21h30min, no Glauber Rocha passando a ser exibido em circuito comercial, no cine Arte I (Politeama) a partir de 21 deste mês, devendo permanecer em cartaz por pelo menos duas semanas.

**Orí**, significa “cabeça” — consciência negra na sua relação com o tempo, a história e a memória — um termo de origem yorubá, povo da África Ocidental. Finalizado em novembro do ano passado, o filme tem presença confirmada em diversos festivais nacionais e internacionais, já tendo inclusive sido premiado no Festival Africano de Ouagadougou e no de Cinema de Tróia, em Portugal, arrebatando o prêmio principal.

Trata-se de um documentário (1h31min) e série para a televisão em duas partes, filmado no Brasil (São Paulo, Minas Gerais e Alagoas) e África Ocidental (Senegal, Mali e Costa do Marfim), onde a cineasta, também pesquisadora, historiadora de cinema, ensaísta e fotógrafa, documenta a existência das culturas negras transmigradas de África para América, na busca dos nexos históricos fundamentais de comunidades negras do Sul do Brasil.



**Orí** só foi possível a partir do encontro com as pesquisas da historiadora negra Beatriz Nascimento (1977) sobre a história e ideologia dos **Quilombos** — estabelecimentos guerreiros e sociedades iniciáticas que existiram por séculos desde a abertura da floresta equatorial africana pelos Bantus até seu estabelecimento na África Centro Ocidental e sua recriação no Brasil como forma de resistência, desde o **Quilombo de Palmares** (Séc. XVIII). **Orí** acaba, então, por resgatar a continuidade histórica dos povos de origem **Bantu** no Brasil.

“Os Bantus, povoaram o Sul da África num processo de migrações constantes que continuaram no Brasil desde a história do Quilombo de Palmares e seu herói civilizador **Zumbi**, no século XVI”, explica Raquel, destacando o fato de ter escolhido Salvador para a estréia nacional do seu filme justamente por considerá-la a “capital negra do Brasil”. Com isso, a cineasta presta, ainda, uma homenagem ao baiano Glauber Rocha, com quem trabalhou por oito anos e de quem herdou “uma coisa ligada à câmera”.

“Muitas cenas eu filmo sozinha, com a câmera sem som. Tento como Glauber, me envolver com o objeto filmado à nível de pele. Por este motivo, **Orí** é um filme de sentimento, mesmo porque como diz a Beatriz — que atua como narradora — a escravidão está presente nos ossos, é um líquido do corpo”, comenta a diretora, iniciada em Candomblé e de origem Judaica o que permitiu, devido a repressão sofrida também por este povo, um acesso bem maior à cultura negra. “Pela minha origem cultural — nasceu em 45, no final da Guerra — posso me considerar uma boa intermediária”, observa.

VIAGEM NO TEMPO

Raquel conta que no processo de narração a historiadora Beatriz Nascimento, com quem conviveu oito anos, ao mesmo tempo em que recupera a história dos quilombos, recupera o pessoal. “**Orí** é uma grande viagem através do tempo e dos espaços. O filme começa há 400 anos, quando África, América e Europa se contactam e é muito importante no contexto da antropologia visual moderna”, coloca a cineasta, acrescentando que “o filme documentário anda muito desprestigiado”.

Para a realização de **Orí** foram gastos cerca de 600 mil dólares e, na opinião de Raquel, “fica sempre muito difícil articular alguma coisa aqui no Brasil. O filme é uma produção independente com muitos apoios, em especial dos movimentos negros”. Dividido em três partes, **Orí** traz para o público “raízes e genealogia”, “afirmação de identidade” e “a luta pelo poder e a questão nacional”, tendo co-



Raimundo A. Silva

A socióloga paulista Raquel Gerber é a diretora/produtora do documentário

mo fundo a moderna história do Ocidente e da África, através do conceito de **Quilombo**.

Assim sendo, **Orí** documenta durante 10 anos a vida e a organização de comunidades negras de São Paulo, trazendo para a tela as escolas de samba **Vai-Vai**, **Mocidade Alegre** e **Camisa Verde**, além dos bailes negros (“black” São Paulo) do Chic Show. Ainda no filme, a cineasta mostra importantes congressos e encontros de lideranças negras americanas, como a “Quinzena do Negro (1977)”, o “Feconezú”, em 80, o “III Congresso de Cultura Negra das Américas” (82) e a instalação do “Memorial Zumbi” na Serra da Barriga, União dos Palmares, em Alagoas (82).

MAIS QUE ROMÂNTICO

Raquel Gerber que defendeu a tese “O Mito da Civilização Atlântica” na Universidade de São Paulo e em Toulouse, na França, escreveu diversos ensaios, dois livros (“O Mito da Civilização Atlântica” sobre Glauber e “O Cinema Brasileiro e o Pro-

cesso Político e Cultural”) e o longa-metragem “Ylê Xoroquê”, trilha sonora famosa para a ficha técnica.

Entre eles destacam-se o “Ylê Xoroquê” (música original) e Hermanno (fotografia). Raquel já trabalhou com o diretor Salles Gomes na Cinematográfica. Ela também produziu os longas-metragens “Lúcio Flávio Passageiro da América” de Babenco, “Diamante bruto” de J. J. Van Der Linden e “Os Muckerers” de Jorge B. Lima.

Mas os que forem assistir **Orí** (diretora): “**Orí** passa a refletir o passado, mas também passa a refletir o presente e a memória e conta a história de Beatriz Nascimento”. “**Orí** é sempre uma coisa de tempo e vir. Não é o todo, como o filme de Glauber Rocha. Tenta mostrar respostas novas para a busca do herói. A busca é sempre o homem que se renova nas circunstâncias das relações”.

## TABLÓIDE

ARAMIS MILLARCH

# “Ori”, um filme para fazer a cabeça de públicos especiais

Já premiado em dois festivais internacionais e programado para uma dezenas de outros eventos em várias partes do mundo, “Ori” o filmes de Raquel Garber é, sem dúvida, uma obra-de-tese, um trabalho da maior importância cultural, mas que precisa ser canalizado para platéias especiais: movimentos negros, estudantes de sociologia e antropologia. Espera-se tal trabalho junto a público específico para este documentário que estréia hoje no cine Groff.

Abordando os movimentos negros no Brasil e na América, a partir 1977 e através de suas lideranças, o filme discute pensamentos e ideologia. Resultado de 10 anos de pesquisa, viagens e filmagens por vários Estados do Brasil (São Paulo, Minas, Alagoas, Rio) e África Ocidental (Senegal, Mali e Costa do Marfim), num trabalho que envolveu mais de 100 pessoas, Raquel finalizou “Ori” em janeiro deste ano. Suas primeiras exibições foram no Exterior: no XI Festival Pan-Africano de Cinema e da Televisão de Ouagadougou (capital de Burkina Faso, ex-Alto Volga) recebeu o Prêmio Paul Robeson. No 5º Festival Internacional de Cinema de Tróia, Portugal, recebeu o Prêmio Costa Azul. No Brasil, sua estréia aconteceu em Salvador (21/9) e Rio de Janeiro (27/9, no Cine Clube Estação Botafogo) e, a partir do último dia 28, no Cine-Arte-1, em São Paulo. Curitiba é, assim, a quarta cidade na qual

chega este documentário de característica tão especiais que Raquel Gerber vai passar os próximos meses viajando pelo mundo, acompanhando suas projeções em vários eventos.

Começa pelo Yamagata International Documentary Film Festival, no Japão (10 a 15 de outubro), cujo convite já significa um prêmio: um polpudo cheque de US\$ 20 mil, “dinheiro que chega em boa hora, pois até agora já investi mais de US\$ 300 mil em sua realização” diz Raquel, que chegou até vender seu apartamento para poder finalizando.

Para Raquel, a participação do festival de Yamagata é particularmente importante:

— “Ele foi selecionado entre 200 filmes de todo o mundo e somente 15 foram escolhidos. Na justificativa desta escolha — o que já significa uma pré-premiação — os organizadores ressaltaram que o tema de “Ori” é a pesquisa pós-colonial feita por uma minoria em busca da afirmação de uma identidade cultural, social e política. O filme, entretanto, é altamente não usual no seu plano de ação que é quase totalmente impressionista. “Ori” tenta destilar conteúdo puramente espiritual através de imagens de grande poder.

“Ori” significa “cabeça” — consciência negra na sua relação com o tempo, a história e a memória — um termo



Raquel Gerber e Hermano Penna em filmagens nas Alagoas: Quilombo dos Palmares.

de origem yorubá, povo da África Ocidental. Assim, numa definição mais sucinta pode-se dizer que “Ori” fala da memória e da busca da autoimagem do negro na modernidade. O encontro de Raquel com a historiadora negra Beatriz Nascimento, com seus estudos sobre a ideologia dos Quilombos (estabelecimentos guerreiros e sociedades iniciativas que existiram por séculos desde a

abertura da floresta equatorial africana pelos Bantus até seu estabelecimento na África Centro Ocidental e sua recriação no Brasil como forma de resistência, desde o Quilombo dos Palmares no século XVII). Foi que possibilitou um mergulho tão profundo numa questão cultural até hoje insuficientemente estudada — não só no cinema, mas também nas universidades.

# Cabeça de negro





**'Ori', documentário sobre a  
história da influência  
africana no Brasil,  
estréia hoje no Estação**

**Eva Spitz**

**U**M documentário brasileiro que recolheu material durante doze anos, no Brasil e na África, procura desvendar a questão negra. Com direção de Raquel Gerber, com texto e narração de Beatriz Nascimento, *Ori* estréia hoje no Estação Botafogo, às 17h30. Em dialeto iorubá, *ori* significa cabeça, núcleo, massa pensante. E como o título indica, *Ori* é sobretudo a *cabeça* de quem o realizou. Com boas imagens dirigidas por Raquel e filmadas por um time de fotógrafos brasileiros — Adrian Cooper, Chico Botelho, Cláudio Kahns, Pedro Farkas, Jorge Bodanski, entre outros — sob a coordenação de Hermano Penna, conduz as imagens pelo cabresto, o documentário beira o sociológico, é informativo, muitas vezes chega a ser poético e de vez em quando se aventura pelo subjetivismo de Beatriz Nascimento.

Ao misturar rituais afro-brasileiros à história do movimento negro no Brasil, sobretudo em São Paulo, o filme procura sintetizar as pesquisas desenvolvidas pela historiadora Beatriz Nascimento, principalmente em torno das questões da identidade perdida durante os séculos de escravidão, e só recuperada através das fugas e da formação dos quilombos. "É importante, para recupe-

rar a identidade, tornar-se visível....Em cada um, é preciso que haja o reflexo de todos os corpos", diz ela a certa altura, ilustrando seu texto com concursos de penteados — a fase em que chega ao Brasil o clima de *black is beautiful*. É também tempo de *soul music* e das festas *black*. "Negro chega devagar, chega seguro", narra Beatriz, aludindo à frase da capoeira de Angola, "vou chegando devagar".

No filme, Exu, "deus da contradição dialética, portador de Axé (força), que dinamiza a vida" e Ogum, aquele que "desafia o caos cósmico, deus da guerra e restaurador da justiça", ritualizados em "verdadeiros santuários negros", convivem com simpósios, quinzenas do negro, discussões internas, ódios e ternuras ainda mal canalizados nos anos 70. Como diz um integrante da nova geração do movimento negro, Paulo Braga, 30 anos, "o filme é no mínimo importante por historiar a fase inicial do movimento negro no Brasil, que hoje está assumindo novas feições." Com música do percussionista Naná Vasconcelos, e uma trilha sonora, muitas vezes dispensável, com Caetano Veloso, Gilberto Gil e Jimmy Cliff — os dois últimos comparecem com imagem e som —, o filme será brevemente comercializado também em vídeo cassete: é documento imperdível.



Cena do filme de Raquel Gerber

## 'Orí' estréia no Rio após ser premiado em Portugal

JOÃO CARLOS PEDROSO

Um documentário brasileiro de 91 minutos sobre a "questão do negro" parece um irresistível argumento para que o espectador fique em casa e deixe o cinema para um dia de programação mais amena. Mas "Orí" ("cabeça" em yorubá), dirigido por Raquel Gerber, parece ser uma saudável fuga a essa maldita regra. O filme recebeu o prêmio "Costa azul" no 5º Festival de Cinema de Tróia, em Portugal, acompanhado de elogios do tipo "uma obra crucial para a civilização moderna". Até o dia 3 de outubro, o público carioca terá a chance de conferir isso. "Orí" estréia hoje na Sala 3 do Cineclub de Estação Botafogo.

A diretora levou dez anos para rodar a fita, e a idéia surgiu a partir do encontro de Raquel com a historiadora Beatriz Nascimento, em 1977. Na época, Beatriz pesquisava a história dos Quilombos. A intenção da cineasta foi recuperar a origem dos negros que vivem hoje no Brasil. O ponto de partida é a cultura dos negros de origem Bantu, que povoavam o Sul da África.

"Orí" também conta a história de Beatriz. Graduada em História pela UFF e das mais ativas do movimento negro, é a narradora e autora do texto do documentário. O percussionista Naná Vasconcelos fez a música original, reforçada por canções de Bob Marley, Marvin Gaye, Gil e Jimmy Cliff, entre outros. Além do prêmio português, "Orí" recebeu outro no 11º Festival de Pan Africano de Cinema e TV, em Alto Volta, o mais importante da África.

## 'Ori' vence em Tróia

O documentário de longa-metragem *Ori*, da paulista Raquel Gerber, ganhou o prêmio Tróia de melhor filme na mostra *O homem e a natureza*, no 5º Festival Internacional de Cinema de Tróia, em Portugal, encerrado no domingo. Já premiado num festival africano, mas com lançamento no Brasil previsto somente para setembro, *Ori* faz uma ampla investigação da herança africana na cultura negra brasileira.

Raquel Gerber, autora da tese *O mito da civilização atlântica*, sobre o cinema de Glauber Rocha, está há 11 anos mergulhada no estudo dos nexos simbólicos entre a cultura bantu e manifestações afro-brasileiras como as escolas de samba e o candomblé. Para compor o painel multidisciplinar de *Ori*, ela filmou no Senegal, no Mali e na Costa do Marfim, estabelecendo relações insuspeitadas com a vida do negro brasileiro, inclusive nos campos da música, da moda e dos costumes.

Com base nas teses da historiadora negra Maria Beatriz Nascimento, o filme propõe uma nova identidade para o negro. Não mais o velho trauma da escravidão, mas um referencial positivo como o herói dos Quilombos, Zumbi dos Palmares.

*Ori* foi o único filme brasileiro a concorrer no 5º FesTróia, já que a competição oficial ocorre somente entre países que produzem menos de 21 longas por ano.

## ACONTECE

## “Ori” ganha prêmio em festival nos EUA

O 33º Festival Internacional de São Francisco (EUA) premiou o filme “Ori”, de Raquel Gerber como o Golden Gate Award na categoria documentário — Prêmio Especial do Júri. A competição contou com 670 inscrições em 22 categorias e a entrega dos prêmios acontecerá durante o Festival a ser realizado de 30 de abril a 13 de maio no Kabuik Theatre. “Ori” participou também, em Bombaim, na Índia, do Internacional Film Festival para Documentário e Curta-Metragem, além de ter sido lançado em vídeo.

Exibido recentemente em Salvador, “Ori”, que em língua yorubá significa cabeça, é uma festa visual da transmigração africana e sua continuidade e presença política nas Américas. Após 11 anos de produção, o filme esteve no final do ano passa-

do em 17 eventos e festivais internacionais onde recebeu diversos prêmios como o “Paul Robeson” no 11º Festival Pan-Africano de Ouagadougou e no I Festival Texaco de Cinema Brasileiro em Curitiba, onde recebeu prêmio especial do júri.

### QUESTÃO RACIAL

Ori é um filme que participa da vida e da organização moderna dos movimentos negros no país, tendo sido filmado no Brasil e na África, com direção de Rachel Gerber. As questões primordiais que coloca estão por ser discutidas a exemplo da superação da questão racial pelo desafio da sobrevivência planetária e a questão negra dentro da questão nacional, temas emergentes em muitos países do mundo com as lutas de independência étnica e nacional.

## DU de CULTURA NEGRA



“Ori”, de Rachel Gerber: prêmio do júri


 ■ CINEMA

## “Ori” conquista o exterior

ANDRÉ SETARO



A conquista do cobite do Golden Gate Award no 33º Festival Internacional de

São Francisco por Ori, de Raquel Gerber, surge como um atestado incontestado do prestígio dessa cineasta no exterior, uma prova indiscutível do reconhecimento internacional ao documentário que Gerber realizou sobre a continuidade da cultura africana na América e a verificação de um certo esquecimento da imprensa brasileira para a real importância não somente desse prêmio de São Francisco mas dos inúmeros já conquistados por Ori em diversas mostras pelo mundo afora. Consagra-se Raquel Gerber na sua pesquisa antropológica sobre a cultura negra neste que é sua primeira incursão no longa-metragem, um filme que se mostra como uma festa visual da transmigração africana e sua continuidade e presença política nas Américas. Um trabalho exaustivo o de Ori, pois consumiu mais de 11 anos de produção, tendo sido lançado em 4 capitais brasileiras ano passado (aqui em Salvador no cine Art I e uma apresentação especial para convidados no cine Glauber Rocha), além de inúmeros prêmios no exterior. A saber: o Paul Robeson da Diáspora (11º Festival Pan-Americano de Ouagadougou), o Costa Azul Homem e Natureza (5º Festival do Cinema de Tróia-Portugal), o Prêmio Especial do Júri (1º Festival Texaco de Cinema Brasileiro, Curitiba), Menção Honrosa para Documentário no Prized Pieces 89 (National Black Programming Consortium, Columbus, Ohio, EUA), e este importantíssimo Golden Gate

Award, a ser recebido no 33º Festival Internacional de Cinema de São Francisco, que vai ser realizado em maio próximo nos Estados Unidos na cidade do mesmo nome.

Quem não teve a oportunidade de contemplar a feérica explosão das imagens de Ori, filme que participa da vida e da organização moderna dos movimentos negros no Brasil, pode aguardar seu lançamento em vídeo, com distribuição assegurada pela Transvídeo. Como Ori não é um filme do cinemão, nem se adapta aos esquemas do circuito comercial, é possível que a sua veiculação em vídeo se faça mais abrangente, com amplo aspecto, podendo ser debatido e visto pelas comunidades com mais calma e sem a interferência da pressa inerente a um circuito comercial. Ori que significa cabeça, em língua yorubá, aborda as questões primordiais ainda suscetíveis de uma discussão mais aprofundada: a superação da questão racial pelo desafio da sobrevivência planetária e a questão negra dentro da questão nacional, temas emergentes, diga-se de passagem, na Europa, África e América pelas lutas de independência étnica e nacional

que se processam em muitos países do mundo. A visão de Ori provoca a discussão de questões sobre os quilombos, sobre as nações africanas no Brasil, o conceito Nação/Estado e a experiência afro-americana. Para se repensar o homem e o processo civilizatório do Ocidente, enfim.

Sobre Raquel Gerber, trata-se de uma mulher de mil instrumentos, dublê de uma porção de coisas: cineasta, socióloga, historiadora, etc. Entre 70 e 80, fez crítica de cinema e ensaio para revistas e jornais nacionais e estrangeiros como Argumento, Ensaio de Opinião, Filme/Cultura, Suplemento Cultural de O Estado de São Paulo, Cadernos do 3º mundo, etc. Foi coprodutora de O rei da noite e Lúcio Flávio, ambos de Hector Babenco, e de Os Muckers, de Jorge Bodansky. Trabalhou com Glauber Rocha em pesquisa histórica, com um resultado triplo em livros importantes sobre o Cinema Novo: O mito da civilização atlântica, Glauber cinema, Política e estética do inconsciente (tese apresentada na USP e na Universidade de Toulouse, Le Mirail, França). O curriculum vitae intelectual de Raquel é enorme. Não cabe neste espaço.



Raquel Gerber: reconhecimento internacional



“Ori”, um filme que retrata a dura realidade brasileira

# “Ori” é sucesso no Festival de Amiens

Paris — O filme “Ori”, sobre o movimento negro no Brasil e que conta a história dos Quilombos — estabelecimentos guerreiros, que se tornaram formas de resistência da cultura africana —, foi apresentado com sucesso, durante a semana, no Festival de Amiens, no Norte da França.

O filme é um documentário sobre o que permaneceu, no Brasil, da cultura africana, no cotidiano: as festas, os ritos religiosos, como o candomblé e o ritmo enlouquecedor do carnaval. É assinado pela jovem diretora brasileira Raquel Geber.

Ela conta que o desejo de filmar “Ori” nasceu do encontro que teve com a historiadora e militante negra Beatriz Nascimento, que buscava a própria identidade através da pesquisa sobre os Quilombos.

O filme já foi apresentado no Festival Africano de Duagadougou e em

diversas universidades européias, em reuniões do movimento de consciência negra e em bairros populares do Rio de Janeiro e de São Paulo.

No Festival de Amiens também foram apresentados outros filmes que falam de lutas políticas. Estiveram representados o Chile, a África do Sul e a Argentina.

Segundo a cineasta Raquel Geber, no Brasil sabe-se apenas que os negros vieram como escravos. Mas as lutas do povo, as formas de resistência, foram relegadas a segundo plano. Ela diz também que se ignora, inclusive, a continuidade histórica da nação africana no Brasil, principalmente sobre os povos do sul do continente, de origem Bantu.

O filme contou com o apoio de antropólogos, de museólogos, além das instituições de pesquisas brasileiras e européias. Foi rodado ao som da música de Nana Vasconce-

los, que fala sobre a fuga do negro para a selva, dos redutos guerreiros, do Quilombo de Palmares e de seu herói, Zumbi.

Ainda de acordo com a cineasta, o Quilombo se converteu em espaço mítico do negro brasileiro, em símbolo das formas de resistência cultural e dos laços com a nação africana. Ela explicou que acompanhou, durante dez anos, a vida e a organização das comunidades negras em São Paulo, porque queria devolver a todas as comunidades parte da sua história e identidade.

A cineasta afirma que, a partir de agora, devido às mudanças políticas no país, o movimento de consciência negra está escrevendo uma história nova, porque está começando a participar da chamada política tradicional, isto é, começa a tomar parte nas agremiações políticas que dispõem, no Brasil.



# Ôrí, os rituais como práticas de liberdade

Documentário de Rachel Gerber reestrea, mostrando as diversas faces da cultura e do movimento negro no Brasil

**Luíz Zanin Oricchio**

*Ôrí*, em idioma iorubá, quer dizer cabeça e, por extensão, consciência negra. Dá título ao filme de Rachel Gerber, relançado agora depois de 20 anos de concluído. É um trabalho que levou 11 anos para ser feito – de 1977 a 1988 – e leva as marcas desse trabalho paciente e sem pressa. Com imagens belíssimas e texto poético, monta um painel fragmentário sobre a presença do negro na cultura brasileira.

Seu fio condutor é assumido pela historiadora e militante da causa negra Beatriz Nascimento (1942-1995), que narra em off e é também a autora dos textos. Uma mescla de considerações históricas e antropológicas com uma visão mítica e, portanto, cerimonial da presença africana na cultura brasileira e mundial.

O que se vê na tela são cenas tomadas em países africanos e no Brasil. Cerimônias mescladas a congressos e reuniões universitárias sobre a questão do negro no País. Candomblé e

escolas de samba. Preces de ano-novo a iemanjá e depoimentos e música de famosos como Gilberto Gil. Tudo fotografado com raro senso de beleza pelo cineasta Hermano Penna (de *Sargento Getúlio*) e música de Naná Vasconcelos, que imprime tom ritual à trilha.

Apesar da narrativa em off, o filme não assume tom expositivo. Pelo contrário. Por sua estrutura fragmentária, abre espaço para reflexão e não teme abraçar contradições. Por exemplo, nos muitos debates ocorridos na época discutia-se acirradamente se o movimento negro seria uma causa específica ou estaria atrelado à luta de classes de maneira geral. Pode parecer incrível, mas essa polêmica parecia tão importante nos anos 70 que os oponentes mais acirrados quase chegavam às vias de fato durante os debates.

Há em *Ôrí* esse lado de documento de época, e também um aspecto menos datado quando falam de Zumbi dos Palmares e herói civilizador. Nesses momen-



**PARCERIA** - A historiadora Beatriz Nascimento e Rachel em Brasília

tos, o filme assume tom e cor de um épico. Que também oscila pela poética da fala e das imagens e pelo belo achado de aproximar manifestações tão distintas quando um debate universitário e um transe de candomblé, um congresso internacional da causa negra e uma apresentação de escola de sam-

ba durante o carnaval. Podem todos ser vistos como rituais iniciáticos de uma prática de libertação. Liberdade é a palavra que dá sentido ao filme. ●

#### Serviço

● **Ôrí** (Brasil/2008, 91 min.) - Documentário. Dir. Raquel Gerber. Livre. Cotação: **Bom**

DIVULGAÇÃO

## ESTE FILME É (OU FOI) QUASE UMA PROFECIA

**Vladimir Carvalho**  
ESPECIAL PARA O ESTADO

*Ôrí*, um filme realizado há mais de 20 anos e agora restaurado, é verdadeiramente precioso, no sentido de sua surpreendente atualidade, desde quando pretendeu realizar uma espécie de sùmula histórica, social e cultural da "consciência negra", com ênfase nas suas relações com o Brasil.

Perfazendo 11 anos de filmagens entre Brasil e África, o empenho de Raquel Gerber e sua afinada equipe se configura ainda hoje – quando alguns marcos inofensíveis da presença negra no nosso País já são irreversíveis – como um esplêndido painel onde a lenda, o mito, a diáspora, os rituais, a luta, a dor e a alegria de viver de um povo se projetam poderosamente num amálgama de rara beleza plástica e narrativa. As vezes suave, pela voz quase murmurada de Beatriz Nascimento, a narradora, inserindo sua pungente história

familiar e pessoal no fluxo coletivo da epopéia maior, às vezes contundente e caudaloso em lances que ecoam no âmbito mundial, transcontinental e conflagrado, o documentário cativa e envolve pela dosagem certa com que conjuga, via edição, a sua matéria "jornalística", cobrindo atos e acontecimentos cruciais, com a carga intensamente poética que advém da paisagem, da música, das danças, dos rostos e das máscaras, dos discursos inflamados, das celebrações, enfim.

Num tempo de cotas para negros, de certificações de quilombos, de conquistas não mais territoriais mas culturais e de caminhos que a cada dia se abrem à frente da comunidade negra no Brasil, *Ôrí* é (ou foi) quase uma profecia. E no quadro de ascensão e afirmação do documentário brasileiro hoje, deve ser incluído natural e legitimamente como se pertencesse à nossa última safra de filmes. ●

## Crítica/cinema

## ‘Ôrí’ é uma grande tradução da cultura afro-brasileira

JOSÉ GERALDO COUTO  
COLUNISTA DA FOLHA

“Ôrí”, segundo consta, em ioruba significa “cabeça” e, por extensão, “consciência”. “Ôrí”, o filme, agora relançado no cinema depois de 20 anos, é a tentativa da socióloga e cineasta Raquel Gerber de traçar um painel poético e militante da consciência negra no Brasil, em suas múltiplas facetas.

O filme começou a ser realizado em 1977, com o registro do Congresso dos Povos de Origem Africana, em São Paulo, e sofreu influências visíveis do diretor Glauber Rocha —Gerber foi amiga dele e estudiosa de sua obra.

“Ôrí”, com sua montagem descontínua e sua mistura de registros, organiza-se em núcleos temáticos: as raízes étnicas, os rituais religiosos, as lutas históricas, as formas de expressão cultural.

De um debate acadêmico a uma noite de “black music” no Chic Show de São Paulo, de um ensaio da escola de samba Vai-Vai a um ritual de candomblé, de uma manifestação antirracista a cenas cotidianas de trabalho, o filme se organiza como um caleidoscópio.

A costura é feita pela narração em “off” da historiadora e ativista Beatriz Nascimento, que aparece num simpósio na Universidade de São Paulo, bela e altiva como uma Angela Davis sergipano-carioca.

O texto, um misto de ensaio antropológico, prosa poética e panfleto político, pode ter envelhecido um pouco, mas continua intacta a força das imagens e dos sons, dando conta de uma riqueza cultural e de uma energia inesgotáveis. Para isso contribui uma concepção de montagem (de Renato Neiva Moreira e Cristina Amaral) mais rítmica e plástica do que propriamente narrativa.

“Ôrí” é talvez a mais completa tradução cinematográfica da cultura afro-brasileira em sua dupla dimensão, a de cigarra e a de formiga. No momento em que a “questão racial” volta a ser discutida no Brasil com intensidade, poucos lançamentos poderiam ser mais oportunos.

## → ÔRÍ

**Direção:** Raquel Gerber

**Produção:** Brasil, 1989

**Onde:** Cine Bombril, Frei Caneca e circuito

**Classificação:** não recomendado a menores de 14 anos

**Avaliação:** bom

Divulgação



Cena do documentário dirigido Raquel Gerber, que reestrea em cópia digital restaurada

Óri

## Marco sobre o movimento negro volta ao cartaz

» Sérgio Rizzo



Alterações nesta programação são de responsabilidade dos exibidores. Confirme horários antes de sair de casa

### Pré-estreias

#### OS FALSÁRIOS

Die Fälscher. Áustria/Alemanha, 2007. **Direção:** Stefan Ruzowitzky. **Com:** Karl Markovics, August Diehl e David Striesow. 98 min. Não recomendado para menores de 14 anos.

Em 1936, falsificador judeu é preso em Berlim por nazistas. Com outros profissionais, ele é enviado para uma operação secreta para produzir dinheiro falso com o objetivo de ajudar financiar a guerra. Vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro em 2008.

**Cine Bombril 2**, 17h50 (projeção digital). **Cine UOL Lumière 1**, 18h e 20h20 (projeção digital). **Espaço Unibanco Augusta 4**, 17h40 (projeção digital). **Frei Caneca Unibanco Arteplex 8**, 17h40 (projeção digital). **HSBC Belas Artes/Sala Carmen Miranda**, 21h20. **Reserva Cultural 2**, sex. e sáb., a qui., 21h15. Sáb.: 23h25 (projeção digital).

#### KILLSHOT - TIRO CERTO

Killshot. EUA, 2008. **Direção:** John Madden. **Com:** Mickey Rourke, Diane Lane e Thomas Jane. 84 min. Não recomendado para menores de 16 anos.

Casal entra para o programa de proteção a testemunhas do FBI,

Marco na filmografia sobre os movimentos negros no Brasil, o documentário "Óri"—palavra de origem ioruba que significa cabeça ou consciência negra—comemora 20 anos de seu lançamento com a chegada aos cinemas de cópia digital restaurada, que pretende circular também pelas escolas do país.

Hoje, a história da África está presente (ou deveria estar, de acordo com a legislação educacional) no ensino básico. Escolas de diversas comunidades incorporam dados da cultura afrobrasileira em projetos intra e extracurriculares. Era bem diferente a situação, contudo, no final dos anos 70, quando a cineasta, socióloga e historiadora Raquel Gerber

começou a rodar "Óri".

A Quinzena do Negro promovida pela USP, em 1977, as manifestações do Dia da Consciência Negra, em 1979, os desfiles da Vai-Vai, da Mocidade Alegre e um show de Jimmy Bo Horne, em 1980, são algumas das primeiras imagens captadas pelo filme, que estendeu sua pesquisa até 1988, no Brasil e na África. Em parceria com a historiadora Beatriz Nascimento, morta em 1995, Gerber fez um ensaio sobre as raízes africanas da cultura nacional que revela muito também sobre o Brasil do tempo em que foi realizado.

Não recomendado para menores de 14 anos. Salas » PÁG. 20.

mas é encontrado e passa a ser perseguido por dois assassinos. **Cidade Jardim 6**, qui.: 18h20. **Iguatemi Cinemark 5**, ter.: 21h45.

#### A MULHER INVISÍVEL

Brasil, 2009. **Direção:** Cláudio Torres. **Com:** Selton Mello, Luana Piovani, Vladimir Brichta e Maria Manoella. Não recomendado para menores de 12 anos.

Após uma desilusão amorosa, homem fica deprimido, até que encontra a mulher perfeita. O problema é que ela só existe em sua imaginação.

**Anália Franco 4**, sex. e sáb.: 21h35. **Bristol 5**, sex. e sáb.: 20h15. **Central Plaza 6**, sex. e sáb.: 21h. **Cidade Jardim 3**, sáb.: 21h10. **Cidade Jardim 6**, sex.: 21h20. **Eldorado 2**, sex.: 21h40. **Eldorado 5**, sáb.: 21h50. **Espaço Unibanco Augusta 2**, sex. e sáb.: 21h30. **Espaço Unibanco Pompeia 5**, sex. e sáb.: 21h. **Frei Caneca Unibanco Arteplex 9**, sex. e sáb.: 21h30. **HSBC Belas Artes/Sala Villa-Lobos**, sex. e sáb.: 21h30. **Iguatemi Cinemark 2**, sáb.: 21h15. **Interlagos 1**, sáb.: 21h10. **Jardim Sul 8**, sex.

e sáb.: 20h35. **Kinoplex Itaim 1**, sex. e sáb.: 21h15. **Market Place Cinemark 7**, sáb.: 21h50. **Metrô Itaquera 7**, sex. e sáb.: 21h. **Metrô Santa Cruz 5**, sex. e sáb.: 21h10. **Metrô Tatuapé 5**, sáb.: 22h10. **Pátio Higienópolis 4**, sáb.: 21h50. **Penha 3**, sex. e sáb.: 21h10. **Plaza Sul 5**, sex. e sáb.: 20h30. **Reserva Cultural 2**, sáb.: 21h15. **Santana Parque Shopping 7**, sex. e sáb.: 21h45. **SP Market 4**, sáb.: 20h30. **Villa-Lobos 7**, sáb.: 19h50.

#### A PARTIDA

Okuribito. Japão, 2008. **Direção:** Yōjiro Takita. **Com:** Masahiro Motoki, Tsutomu Yamazaki e Ryoko Hirose. 130 min. Não recomendado para menores de 14 anos.

Violoncelista desempregado volta para sua cidade natal, onde começa a trabalhar como preparador de cadáveres para funerais. Oscar de melhor filme estrangeiro em 2009.

**Cine UOL Lumière 2**, sex. e sáb.: 21h20 (projeção digital). **Espaço Unibanco Pompeia 9**, sáb.: 24h (projeção digital). **Frei Caneca Unibanco Arteplex 8**, sáb.: 24h (projeção digital).



avaliação sem avaliação  
pelos críticos da Ilustrada péssimo

★ ruim  
★★ regular

★★★ bom  
★★★★ ótimo

## cinema

ÓRI

## O BRASIL QUE VEIO DA ÁFRICA

Em mês apropriado para discussões sobre o tema — em 13 de maio foram celebrados os 121 anos da abolição da escravatura no Brasil —, 'Óri', documentário de Raquel Gerber que será relançado nos cinemas brasileiros, trata da reconstrução da identidade negra.

Batizado com palavra que significa 'consciência negra', na língua Yorubá (da África Ocidental), o filme-tese é baseado em pesquisa histórica de Beatriz Nascimento. Durante 11 anos de filmagens, de 1977 a 1988 — período de impacto sócio-político e cultural no Brasil — foram do-



DIVULGAÇÃO

Documentário 'Óri' mostra raízes do País

cumentadas comunidades negras no Brasil e na África. A história investiga a relação desses grupos com o tempo, espaço e a ancestralidade.

globo.com NOTÍCIAS ESPORTES ENTRETENIMENTO VÍDEOS ASSINE JÁ TODOS OS SITIOS

Antem. Hoje. Agora.

O GLOBO  
MUITO ALÉM DO PAPEL DE UM JORNAL

O GLOBO CULTURA

BUSCAR  Notícias Na web OK

Edição digital No celular No e-mail

ASSINE

CAPA PLANTÃO MEL GLOBO BLOGS COLUNISTAS COMUNIDADES EU-REPORTER OPINIÃO MULTIMÉDIA GUIAS E SERVIÇOS EXTRA ONLINE DIÁRIO DE

PAÍS RIO CIDADES ECONOMIA MUNDO CIÊNCIA ESPORTES CULTURA EDUCAÇÃO SAÚDE TECNOLOGIA VIAGEM CLASSIFICADOS TAP AGÊNCIAS

Plantão | Publicada em 21/05/2009 às 09h17m Cadastre-se | Login     Publicidade

## Documentário "Ôri" discute cultura negra no Brasil

Reuters/Brazil Online

★★★★★ DÊ SEU VOTO | ★★★★★ MÉDIA: 0,0

SÃO PAULO (Reuters) - O documentário "Ôri", lançado nos cinemas em 1989, volta às telas de São Paulo e Rio de Janeiro nesta sexta-feira com poucos traços de envelhecimento.

Fruto de um trabalho colaborativo da cineasta e socióloga Raquel Gerber e da historiadora Beatriz Nascimento, morta em 1995, o filme é um decalque das discussões sobre a cultura negra durante as décadas de 1970 e 1980, que ainda parecem surpreendentemente atuais no país.

Resultado de 10 anos de pesquisa, o documentário está longe de ser usual. Raquel Gerber realizou um trabalho impressionista, que mescla conteúdo espiritual, posicionamento político e devaneios acadêmicos. O trabalho é um mosaico narrativo bem construído, que foge de mensagens panfletárias no final da projeção.

Para montar esse quebra-cabeça, a diretora mostra depoimentos de pessoas-chave do movimento negro, em filmagens realizadas em vários Estados brasileiros (Rio de Janeiro, São Paulo, Alagoas e Minas Gerais) e na África Ocidental (Costa do Marfim e Senegal). Em especial, os acalorados debates realizados durante a Quilzena do Negro, promovida pela Universidade de São Paulo (USP), em 1977.

Apesar de não defender um ponto de vista, "Ôri" não deixa de ser poeticamente provocador. Com textos escritos e narrados por Beatriz Nascimento, a obra concatena a ideologia dos Quilombos (desde a África Centro-Ocidental até sua recriação no Brasil) aos discursos defendidos pelos mais diversos grupos sociais. No fim, Beatriz chega a dizer: "O movimento não é negro, mas da história."

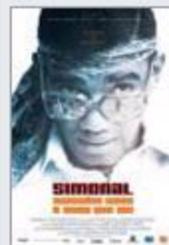
Ôri, um termo de origem yorubá, povo da África Ocidental, significa "cabeça", a consciência negra na sua relação com o tempo, a história e a memória.

(Por Rodrigo Zavala, do Cineweb)

\* As opiniões expressas são responsabilidade do Cineweb

## EM CARTAZ

## Simonal - Ninguém Sabe o Duro que Dei

**Duração:** 86 min.**Gênero:** Documentário**Distribuidora:** Movie Mobz**Direção:** Claudio Manoel, Micael Langer e Calvito Leal**Censura:** 10 anos

História da ascensão e queda de Wilson Simonal (1939-2000), cantor que conseguiu status de estrela numa época em que no Brasil isso era raridade para artistas negros. De origem humilde, ele ganhou destaque na televisão nos anos de 1960, rivalizando com o domínio de Roberto Carlos e outros ídolos da ...

[\[+\] Veja os horários](#)

## ÔRÍ

**Duração:** 91 min.**Gênero:** Documentário**Distribuidora:** Independente**Direção:** Raquel Gerber**Censura:** Livre

Ôrí aqui se trata de um documentário de características especiais, abordando os movimentos negros no Brasil e na América, a partir de 1977 e através de suas lideranças, o filme discute pensamentos e ideologia.

[\[-\] Ocultar os horários](#)

Unibanco Arteplex Rio de Janeiro (Sala 5): 18h

[Comprar](#)

Escolha o seu cinema:

São Paulo



22 a 28 de maio de 2009

# programa

JORNAL DO BRASIL

**CRÍTICA** | ÔRÍ \*\*

## Uma tese e algo a mais

**Bolívar Torres**

Em um determinado momento do documentário *Ori* (termo de origem yorubá, povo da África Ocidental, que significa “cabeça”), ouve-se que a África é, para os afro-descendentes espalhados pelo mundo, uma espécie de Atlântida. A socióloga, cineasta, pesquisadora, ensaísta e fotógrafa Raquel Gerber parte em busca dessa identidade negra, memória diluída pelas culturas que a “acolheram” e discute sua relação com o tempo, a história e a memória. Viajando por diversos países da América e da África, investiga as origens e retrata o processo dos chamados movimentos negros através de suas lideranças, pensamento e ideologias.

O tema não é novo. Já foi explorado pelos clássicos da nossa antropologia,



Divulgação

**ÁFRICA** – Comunidade retratada no longa

mas nem por isso deixa de ser relevante. Realizado durante 11 anos, consegue fugir do didatismo do filme de tese graças a uma montagem competente – um fluxo que junta com criatividade imagens inéditas (com uma bela direção de fotografia de Hermano Penna) e imagens de arquivo. Além de um inspirado trabalho com a edição de som, que alterna depoimentos, música e a beleza do silêncio. Às vezes, porém, a obra peca por um excesso de reverência à cultura afro, que se percebe em alguns efeitos de linguagem um tanto exagerados, beirando a demagogia.